



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Salata, André; Scalon, Celi

Do Meio à Classe Média: como a “nova classe média” e a “classe média tradicional”
percebem sua posição social?

Ciências Sociais Unisinos, vol. 51, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 375-386

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93843711015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Do Meio à Classe Média: como a "nova classe média" e a "classe média tradicional" percebem sua posição social?

From the Middle to the Middle Class: How do the "new middle class" and the "traditional middle class" perceive their social status?

André Salata¹
andresalata@pucls.br

Celi Scalon²
celiscalon@gmail.com

Resumo

O trabalho procura trazer novos elementos para o atual debate a respeito da classe média no Brasil, tomando como objeto de estudo as identidades de classe e percepções sobre a classe média no país. Nos últimos anos, um enorme contingente de indivíduos e famílias alcançaram níveis intermediários de renda e entraram para a camada mediana da população. Temos como objetivo analisar as percepções destes indivíduos sobre sua posição social, buscando estabelecer uma comparação com as percepções presentes entre os indivíduos da chamada "classe média tradicional". Para tanto, trabalhamos com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. As análises mostram que os indivíduos de perfil socioeconômico intermediário não parecem ser aqueles que mais tipicamente se identificam como classe média; foi apenas entre os entrevistados da "classe média tradicional" que pudemos verificar uma identificação mais clara e evidente com esta classe. Tais resultados evidenciam algumas das limitações do conceito de 'nova classe média' atualmente aplicado ao Brasil.

Palavras-chave: classe média, identidades de classe, estratificação social, desigualdades sociais, classificações sociais.

Abstract

The paper aims to bring new elements to the current debate about the middle class in Brazil, taking the class identities and perceptions about middle class as its object. In recent years a huge number of individuals and families achieved intermediate levels of income and joined the middle layer of the population. We analyze the perceptions of those individuals about their social position – seeking to establish a comparison with the perception present among the "traditional middle class" – using data collected through semi-structured interviews. The analyzes show that individuals of intermediate socioeconomic profile do not seem to be the ones who more typically identify themselves as middle class; it was only among respondents of "traditional middle class" that we observed a clear and obvious identification with that class. These results show some of the limitations of the concept of 'new middle class' currently applied to Brazil.

Keywords: middle class, class identities, social stratification, social inequalities, social classifications.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Av. Ipiranga, 6681, Partenon 90619-900, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. Largo São Francisco de Paula, 1, Centro, 20051-070, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Introdução

Este artigo trata da percepção e da identificação de classe de um novo contingente de pessoas que nos últimos anos alcançou o nível de renda intermediário e, em função disto, foram identificadas como pertencendo à "nova classe média brasileira".

Seja do ponto de vista da distribuição de renda, da diminuição de pobreza ou do crescimento do emprego e da formalidade no mercado de trabalho, a última década trouxe melhorias significativas para uma grande parte da população brasileira (Barros *et al.*, 2010). As taxas de crescimento econômico apresentadas pelo Brasil em meados da primeira década deste século, em associação com a diminuição das desigualdades de renda, com os programas de transferência direta de remuneração, com a estabilização econômica alcançada nas últimas décadas e com a expansão do crédito, têm sido capazes de elevar os rendimentos e o poder de consumo de muitas famílias. A renda dos mais pobres cresceu e levou ao declínio dos níveis de pobreza (indo de 38,6% da população em 2001 para 28,0% em 2007) e miséria (que representava 17,4% da população em 2001 e 10,2% em 2007).

Com esta tendência, milhares de indivíduos alcançaram níveis intermediários de renda. Entre os anos de 2002 e 2008, a participação da "faixa C" na população brasileira passou de 44,19% para 51,89%, resultando, portanto, em um aumento de 17,03%. A faixa de renda mais elevada ("AB") correspondia a 12,99% da população em 2002, passando para 15,52% em 2008, o que configura um aumento de 19,46%. Já as faixas de renda mais baixas ("D" e "E"), que em 2002 somavam 42,82% da população, em 2008 caíram para 32,59%. Assim, as faixas de menor renda diminuíram sua participação, e as faixas de renda média e alta aumentaram sua presença na distribuição de renda da população brasileira.

Entretanto, este artigo é escrito em um momento de mudança na economia brasileira, com aumento das taxas de desemprego, diminuição no ritmo de crescimento e aceleração inflacionária. Esse é um contexto diferente daquele no qual a pesquisa foi realizada, quando havia uma avaliação bastante positiva das diretrizes econômicas, apesar de algum ceticismo sobre a sustentabilidade dos avanços conquistados neste breve período de tempo.

É importante ressaltar que mesmo pequenas mudanças na distribuição de renda têm impacto na redução da pobreza, e no período em que realizamos o estudo sobre a "nova classe média" registrou-se um significativo aumento da renda e importante inclusão das camadas da população no mercado consumidor, via crédito. No entanto, sempre pontuamos que este tipo de inclusão encontra limites e nem sempre se mostra sustentável no médio ou longo prazo, tampouco incorpora transformações expressivas na estrutura de classes e, portanto, nas chances de vida. A preocupação com a capacidade de manutenção dos ganhos em renda e consumo, portanto, com a sustentabilidade dos grupos de renda média já estava presente em trabalhos im-

portantes. Entre eles, podemos citar os de Souza e Lamounier (2010), Souza (2010), Pochmann (2012), Scalón e Salata (2012), Salata e Scalón (2013) e Salata (2015). Estes estudos guardam diferenças significativas entre si, teóricas, substantivas e metodológicas, entretanto convergem no esforço de compreender os limites e as possibilidades do processo de inclusão de um número expressivo de brasileiros no grupo de renda média, então denominado "nova classe média". Por vias distintas, registraram a precariedade das condições de trabalho, o esforço empreendido para alcançar e manter a posição social e o entendimento da própria definição de classe. Além disso, buscaram conhecer visões de mundo e projetos de vida destes agentes.

Diante desse debate, vale a pena aprofundar a discussão sobre possibilidades e alternativas para um desenvolvimento sustentável do ponto de vista das conquistas socioeconômicas. É fundamental desenvolver análises no campo dos estudos sobre Justiça Social, Desigualdades e Estratificação nos países emergentes, tendo em vista os desafios colocados tanto para a inclusão destas populações nos estratos médios como para a própria estabilidade destes estratos.

Marcelo Neri analisou esses dados, sobre o crescimento da "faixa C" – que, como vimos, no ano de origem da pesquisa (2002) se encontrava entre a mediana e o nono *decil* da distribuição, ou seja, entre os "remediados" e a "elite", nas palavras do próprio autor, caracterizando o fenômeno como crescimento da classe média. Compreendida entre os 50% mais pobres e os 10% mais ricos, a Faixa C auferiu em média a renda média da sociedade. Por essa razão, Neri (2008, p. 5) em alguns trechos a define como "classe média no sentido estatístico [...] imagem mais próxima da sociedade brasileira". Como a "faixa C" passara a englobar mais da metade da população, o Brasil poderia então ser considerado um país de classe média.

Podemos afirmar que Neri (2008) está absolutamente correto quando chama atenção para um novo contingente de famílias que fazem agora parte da camada de renda estatisticamente intermediária. De fato, a camada "C" seria a classe média brasileira no sentido estatístico do termo; e isso é verdade não somente em relação aos rendimentos, já que o estrato "C" é intermediário também em termos de *status* ocupacional, anos de escolaridade, etc. Estatisticamente falando, conforme afirmado por Neri (2008) e endossado pela literatura econômica sobre esse tema (Ravallion, 2010), eles estão "no meio", eles formariam a imagem mais próxima do "brasileiro mediano".

A atual discussão, no entanto, gira em torno da plausibilidade de se considerar essas pessoas agregadas no estrato de renda "C" como a "classe média brasileira" ou não. Para autores como Pochmann (2012) e Xavier Sobrinho (2011), por exemplo, não poderíamos falar de uma "nova classe média", mas sim de uma "classe trabalhadora" mais abastada. Já para Souza (2010), por sua vez, seria preferível falar em "nova classe trabalhadora" ou "batalhadores".

Podemos identificar, portanto, um grande debate a respeito da própria definição da classe média (Souza e Lamounier, 2010; Souza, 2010; Xavier Sobrinho, 2011; Pochmann, 2012; Sca-

lon e Salata, 2012). Afinal, quem se identifica, e é por sua vez identificado, como classe média no Brasil? Como esses indivíduos, que nos últimos anos vêm sendo denominados de a "nova classe média", percebem sua posição social? Como os indivíduos de camadas mais abastadas (a chamada "classe média tradicional"), por sua vez, percebem sua situação? O que identificam como classe média? Quais os fatores e elementos mobilizados para caracterizar quem pertence ou não à classe média? Essas são as questões principais que trataremos no presente trabalho. Procuraremos, assim, chamar atenção para a importância de analisar como os próprios indivíduos percebem sua posição socioeconômica, identificando-se ou não com a "classe média", e qual imagem fazem desta classe no Brasil.

A fim de fornecer resposta a essas questões, conforme será melhor detalhado posteriormente, trabalharemos com metodologia qualitativa. Mas, antes de apresentar a análise empírica, vamos discutir de forma breve a recente e importante literatura sobre identidades de classe.

Identificações de classe e a esfera subjetiva da estratificação

A maior parte das pesquisas sobre identidade/consciência de classe costumava se basear na famosa abordagem "S-C-A" (Structure-Consciousness-Action), tomando a esfera subjetiva da estratificação somente como uma consequência, necessária ou contingente, da estrutura objetiva. Abordagens mais recentes sobre esse tema, no entanto, têm procurado atribuir maior importância à maneira através da qual os indivíduos se classificam, analisando as identidades de classe não como reflexos – corretos ou equivocados – de posições objetivas, mas sim como reivindicações de pertencimento e reconhecimento que exercem uma função decisiva no processo de formação das classes sociais (Devine e Savage, 2005a; Charlesworth, 2000; Skeggs, 1997; Reay, 2005).³

Assim, trataremos as identidades de classe não como percepções – distorcidas ou não – dos indivíduos em relação à sua posição objetiva, mas sim como reivindicações de pertencimento ou distanciamento que participariam, elas mesmas, no processo de formação, manutenção, disputa e negociação dos contornos das classes. Somente desta maneira, portanto, é que podemos dar conta do papel ativo exercido pela esfera subjetiva, e não tratá-la como mero apêndice ou reflexo de indicadores da estrutura objetiva.

Identidades de classe não devem ser tratadas apenas como uma variável dependente de situações (socio)econômicas desiguais, mas devem ser consideradas como variável independente, que participa ativamente na produção e reprodução das desigualdades. Nesse sentido, quando um indivíduo se autoidentifica com uma classe, ele nos informa como ele se vê e, também, como ele quer ser visto por nós e por outros. Não se trata apenas da constatação de que ele possui um determinado padrão de vida, mas também da reivindicação de ser reconhecido como membro de um grupo para o qual certo padrão de vida seria esperado e, em certa medida, deveria ser assegurado.

Nesse sentido, acreditamos que, através da identificação com a classe média, os indivíduos não apenas constatarem uma situação socioeconômica privilegiada, mas também reivindicam o reconhecimento de sua posição social distinta a partir da qual aquela situação deveria ser garantida ou reconhecida. Identificar-se como pertencendo a uma classe, portanto, significa também afirmar uma posição social e reivindicar o prestígio e tratamento adequados àquela. Afinal, conforme lembrado pela recente bibliografia sobre o tema (Skeggs, 1997; Von Eijk, 2013), as identidades de classe pressupõem, sempre, uma hierarquia de *status*, e por essa razão dizemos que são "moralmente carregadas" (Savage *et al.*, 2001).

Ao se identificarem como classe média, certas camadas da população brasileira estão reivindicando seu reconhecimento como membros desse grupo, em oposição àqueles que não devem ser reconhecidos como tal.

Na próxima seção, descreveremos as etapas metodológicas do trabalho, para então, na seção subsequente, apresentarmos os resultados.

Procedimentos, critérios e seleção dos entrevistados

Os entrevistados foram selecionados com base em dois diferentes perfis:⁴ um mais próximo da camada "C", e, outro, mais próximo da camada "AB", tendo como principais referências os critérios de escolaridade, ocupação e renda. Em relação ao primeiro tipo, procuramos selecionar indivíduos com Segundo Grau completo de escolaridade ou Terceiro Grau (superior) incompleto, renda domiciliar total em torno de R\$ 3 mil (ou entre R\$ 1.800,00 e R\$ 4 mil) por mês e com ocupações de status médio/baixo (exemplos: secretárias[os], auxiliares administrativos, vendedores de loja, prestadores de serviço e trabalhadores do-

³ Para uma revisão desta bibliografia, ver Devine e Savage (2005).

⁴ Os entrevistados foram selecionados, com base nos critérios expostos acima, por meio da rede social dos próprios pesquisadores. Em geral, o primeiro contato entre pesquisador e entrevistado era intermediado por algum conhecido em comum, e a entrevista marcada para a data e horário de preferência do entrevistado. O local da entrevista variava dependendo da vontade do entrevistado, podendo ocorrer em seu domicílio, local público ou local de trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas tendo somente o entrevistador e o entrevistado diretamente presentes na conversa, e sua duração variava de acordo com a própria dinâmica dessa interação, sem respeitar um limite mínimo ou máximo de tempo – que em média durava aproximadamente 30 minutos.

mésticos). Já em relação ao segundo tipo, procuramos selecionar indivíduos com Terceiro Grau completo de escolaridade, renda domiciliar total de pelo menos R\$ 4.500,00 por mês e com ocupações de *status* médio/alto (exemplos: advogados, psicólogos,

engenheiros, profissionais do marketing, administradores, professores, médicos, gerentes, etc.). O objetivo da seleção desses dois "tipos sociais" foi aproximar os entrevistados o máximo possível dos perfis típicos das categorias de renda "C" e "AB".⁵

Quadro 1. Descrição dos entrevistados.

Chart 1. Respondents' profile.

Número	Nome	Gênero	Idade	Escolaridade (concluído)	Ocupação	Renda	Nº pessoas domicílio	Local de Moradia	Perfil
1	Rodrigo	M	36	2º Grau	Porteiro/Vigia	R\$ 1.800,00	2	Austin/Nova Iguaçu	C
2	Verônica	F	35	2º Grau	Atendente (consultório)	R\$ 3.500,00	3	Duque de Caxias	C
3	Marlene	F	31	2º Grau	Auxiliar de Faturamento	R\$ 3.000,00	3	Xerém	C
4	Carolina	F	38	2º Grau	Auxiliar de Faturamento	R\$ 2.500,00	2	Duque de Caxias	C
5	Silvia	F	49	1º Grau	Empregada Doméstica	R\$ 1.800,00	2	Nova Iguaçu	C
6	Robson	M	30	2º Grau	Auxiliar de Suporte	R\$ 2.000,00	5	Pavuna/Rio de Janeiro	C
7	Leonardo	M	26	2º Grau	Auxiliar de Suporte	R\$ 3.000,00	2	Duque de Caxias	C
8	Carlos	M	24	2º Grau	Auxiliar de Suporte	R\$ 2.800,00	3	Quintino/Rio de Janeiro	C
9	Rafael	M	22	2º Grau	Suporte Técnico (estágio)	R\$ 2.000,00	4	Japeri	C
10	Vera	F	39	2º Grau	Auxiliar de Serviços Gerais	R\$ 2.000,00	4	Nova Iguaçu	C
11	Raquel	F	35	2º Grau	Secretária	R\$ 3.000,00	7	Lapa/Rio de Janeiro	C
12	Marcelo	M	42	2º Grau	Porteiro/Segurança	R\$ 4.500,00	3	Magé	C
13	Roberta	F	30	Superior	Analista de Marketing	R\$ 4.000,00	1	Laranjeiras/Rio de Janeiro	AB
14	Augusto	M	28	Superior	Psicólogo	R\$ 4.000,00	2	Tijuca/Rio de Janeiro	AB
15	Maria	F	50	Superior	Funcionária da Receita Federal	R\$ 5.000,00	2	Largo do Machado/Rio de Janeiro	AB
16	Fausto	M	69	Superior	Consultor de Engenharia	R\$ 10.000,00	2	Tijuca/Rio de Janeiro	AB
17	Fernando	M	68	Superior	Analista Financeiro (IBM)	R\$ 10.000,00	4	Grajaú/Rio de Janeiro	AB
18	Luiza	F	48	Superior	Analista de Sistema	Não informada	1	Botafogo/Rio de Janeiro	AB
19	Roberto	M	54	2º Grau	Analista de Sistema	R\$ 7.500,00	4	Maracanã/Rio de Janeiro	AB
20	Daniel	M	30	Superior	Astrofísico/Pesquisador	R\$ 9.000,00	2	Botafogo/Rio de Janeiro	AB
21	Paula	F	67	Superior	Diretora de Escola	Mais de R\$ 10.000,00	1	Andaraí/Rio de Janeiro	AB
22	Plínio	M	40	Superior	Professor/Eng. Químico	Mais de R\$ 10.000,00	2	Laranjeiras/Rio de Janeiro	AB
23	Camila	F	48	Superior	Arquiteta e Professora	R\$ 15.000,00	2	Humaitá/Rio de Janeiro	AB
24	Sônia	F	47	Superior	Psicóloga e Floral-Terapeuta	R\$ 8.000,00	2	Leme/Rio de Janeiro	AB

Fonte: entrevistas semiestruturadas; tabulação própria.

⁵ Nem todos os entrevistados se encaixavam perfeitamente em um desses dois tipos médios; no entanto, o importante era que seus perfis gerais se aproximassem de algum desses dois tipos, mesmo que de acordo com alguma das variáveis houvesse algum desvio.

Além disso, alguns outros critérios mais gerais de seleção também foram respeitados: primeiro, para ambos os "tipos" entrevistamos somente chefes ou cônjuges dos chefes de domicílio; segundo, todos tinham entre 25 e 70 anos de idade; terceiro, todos os entrevistados eram moradores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.⁶

A estratégia adotada foi a de iniciar as entrevistas estimulando os entrevistados a falarem um pouco de sua vida, sua profissão, sua família, etc. Posteriormente, então, eram colocadas perguntas a respeito da vida dos entrevistados quando mais novos, sua família, sua origem social de uma maneira geral e sua trajetória até os dias de hoje. Nesse ponto, então, os entrevistados eram estimulados a comentarem sobre o nível socioeconômico de sua família de origem e situação atual. Posteriormente, então, se pedia para que o entrevistado analisasse a sua situação (e de sua família) quando comparado com a situação de outras pessoas; se ele achava que estava mais "para cima", mais "para o meio" ou "mais para baixo". Posteriormente, também podia ser perguntado, quando não muito claro, de qual classe ele acreditava fazer parte, sem mencionar opções. Somente quando mesmo assim ainda não houvesse sido mencionada uma identidade de classe, aí, sim, algumas opções (exemplo: pobre, classe trabalhadora, classe média, classe alta) eram fornecidas.

Também procurávamos dar espaço para que os entrevistados se expressassem mais extensamente sobre a percepção que tinham sobre sua posição socioeconômica, sobre a classe a que acreditavam pertencer e, mais particularmente, sobre a classe média. Assim, por exemplo, quando se identificavam como classe média, perguntávamos o que, para eles(as), significava fazer parte da classe média, como eles imaginavam as principais características de alguém dessa classe, etc.

No total foram realizadas 24 entrevistas – entre agosto de 2011 e agosto de 2013 –, sendo 12 com pessoas mais próximas do perfil "C" (que chamaremos de "nova classe média"), e outras 12 com pessoas mais próximas do perfil "AB" (que chamaremos de "classe média tradicional").⁷

Análise das entrevistas

De imediato, o que chamava mais a atenção nas entrevistas eram as próprias identidades de classe reveladas pelos entrevistados, e principalmente as diferenças entre os entrevistados da "nova classe média" e aqueles da "classe média tradicional".

Enquanto todos os 12 entrevistados da "classe média tradicional" se identificaram como "classe média", apenas três (entre 12) entrevistados da "nova classe média" o fizeram. Constatamos, assim, que enquanto as identidades de classe dos

entrevistados da "classe média tradicional" se concentraram na "classe média", a distribuição dessas identidades era muito mais dispersa entre aqueles entrevistados da "nova classe média", cujas identidades iam desde a própria "classe média" até a "classe Baixa/Pobre". Além disso, boa parte desses entrevistados (quatro no total) não apresentaram uma ideia muito precisa de sua identidade de classe, mesmo depois que questões mais diretas foram colocadas.

Selecionamos trechos provenientes de duas entrevistas a fim de ilustrarmos essas diferenças: o primeiro, retirado da entrevista com Plínio (perfil "AB"), e o segundo, retirado da entrevista com Carolina (perfil "C") (ver Quadro 1 para características socioeconômicas dos entrevistados). Tais casos foram escolhidos como ponto de partida por serem bastante elucidativos do tipo de resposta obtido por meio das entrevistas com aqueles dois diferentes perfis de entrevistados, como procuraremos demonstrar.

A seguir temos o trecho retirado da entrevista com Plínio:

Entrevistador: *Houve algum período de dificuldade na sua infância, ou sempre foi uma coisa mais tranquila, em termos socioeconômicos...*

Plínio: *Minha vida sempre foi muito linear, vamos dizer assim; eu nunca passei por um grande sofrimento na vida [...] Era regrada, né, uma infância regrada, nunca teve nenhum luxo, ao contrário, era classe média-média, média-baixa, alguma coisa assim. Saía, ia para a praia, comia caranguejo, tudo. Mas, vamos dizer assim, iogurte não era sempre que podia ter [...].*

Plínio tinha 40 anos de idade na época da entrevista, era engenheiro e morava com sua esposa (também engenheira) em um apartamento no bairro de Laranjeiras, Zona Sul (área nobre) da cidade do Rio de Janeiro. Era pós-graduado em Engenharia Química, trabalhava como professor universitário e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e possuía renda total domiciliar mensal de mais de R\$ 10 mil. O trecho anterior foi retirado de uma frase dita logo no início da entrevista, na qual nenhuma questão direta sobre "identidade de classe" havia ainda sido feita. Até esse momento, Plínio havia dado uma breve descrição de sua condição atual, de sua vida na infância e comentava a respeito da condição de sua família.

Plínio nasceu em Aracajú, formou-se lá e veio para o Rio de Janeiro fazer sua pós-graduação (mestrado e doutorado) em 1996. Sua mãe era secretária na Universidade Federal de Sergipe, e seu pai havia trabalhado, entre outras coisas, como representante de fabricantes de remédio. Ele definia sua infância como uma vida tranquila e, no momento do qual o trecho anterior foi recortado, comentava a respeito da situação socioeconômica de sua família naquela época.

⁶ Ao restringirmos geograficamente nossa amostra, fomos capazes de controlar essa variável (localização geográfica). No entanto, reconhecemos que as especificidades inerentes à Região Metropolitana do Rio de Janeiro criam alguns obstáculos para a generalização dos resultados em nível nacional.

⁷ O Quadro 1 traz os números de identificação das entrevistas, os nomes (fictícios) dos entrevistados, seu gênero, idade, grau de escolaridade, ocupação, renda domiciliar mensal total, número de pessoas no domicílio de moradia, local de moradia e, por fim, o perfil ("C" ou "AB") em que foram encaixados.

Vemos que a definição daquela situação como uma situação de "classe média" (média-média/média-baixa) é imediata; o entrevistado é resolutivo em afirmar sua posição. Apesar da questão colocada pelo entrevistador não fazer referências a posições de classe, o próprio entrevistado utiliza a linguagem de "classes" a fim de descrever a situação socioeconômica de sua família e, além disso, afirma peremptoriamente que sua família fazia parte da classe média. Plínio diz que teve uma infância regrada, com certo "conforto", mas sem "luxo", que ele definia como "classe média". Posteriormente, no decorrer da entrevista, quando mais diretamente questionado a respeito de sua situação atual, o entrevistado reafirmou sua identidade de classe, respondendo que pertencia à classe média e que nunca havia percebido mudanças nesse sentido.

Carolina, por sua vez, tinha 38 anos de idade na época da entrevista, era moradora de Duque de Caxias (município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro), tinha segundo grau completo de escolaridade e trabalhava como auxiliar de faturamento numa clínica médica no bairro de Botafogo. Carolina dizia vir de uma família grande, com mais cinco irmãos, e afirmava que sua vida na infância havia sido difícil, por não ter tido muito conforto – apesar de nunca ter faltado comida, dizia ela. Sua mãe era doméstica, e durante sua infância a família vivia no interior, na Baixada Fluminense, em um local que ela agora caracterizava como "roça".

Na época da entrevista, ela já estava casada e vivia com o marido, que trabalhava, então, como vigilante. Antes de atuar no setor de faturamento, ela trabalhou como atendente de recepção, e afirmava que atualmente sua vida era muito mais confortável que na sua juventude, pois conseguia ter acesso a um nível de "conforto" que antes não tinha, citando como exemplo a posse de uma máquina de lavar, ar-condicionado, aparelhos eletrônicos, acesso a crédito e trabalho com carteira assinada. Carolina dizia ter conseguido recentemente tirar férias e fazer duas viagens, sendo uma de avião, para Natal e Fortaleza, coisas que ela dizia nunca ter imaginado que fosse conseguir. Atualmente planejava comprar um automóvel e, para isso, estava economizando dinheiro; dizia tratar-se de uma necessidade e não de um conforto, pois sem um carro afirmava ser muito complicado realizar certas atividades no local onde morava, como ir ao supermercado, por exemplo.

Chegamos, então, ao momento da entrevista em que as questões mais diretamente relacionadas às identidades de classe começavam a ser colocadas:

Entrevistador: [...] como é que você localizaria você e sua família? Você acha que está mais para cima, para baixo, para o meio...

Carolina: Eu acho que estou no meio. Entre... Estou quase chegando no meio, não estou no meio não. Mais ou menos no meio. [...]

Entrevistador: Quando você fala de estar no meio aqui, você está falando de classe média ou...

Carolina: Não, eu acho que classe média ainda está longe... Bem longe. Mas eu acho que dentro do meu padrão eu consigo

levar uma vida mais estabilizada, que há alguns anos atrás nem imaginava chegar. [...]

Entrevistador: Você falou que está mais próxima do meio, mas você não acha que está perto da classe média. Se você tivesse que falar... pobre, classe trabalhadora, classe média... você se classificaria em qual?

Carolina: Acho que na trabalhadora mesmo.

Na parte inicial da entrevista, quando estimulada a comentar sobre sua situação atual e, posteriormente, sua vida na infância, em nenhum momento a entrevistada fez menção a qualquer identidade de classe. Então chegamos a uma parte da entrevista quando, como pode ser visto no trecho destacado, fazíamos uma primeira pergunta abrindo espaço para o entrevistado dizer como percebia sua situação socioeconômica em relação às outras pessoas, se achava que se encontrava "mais para baixo", "mais para o meio" ou "mais para cima".

A resposta da entrevistada é bem interessante. Ela diz estar "no meio", estar "quase chegando no meio", estar "mais ou menos no meio". Não há aqui indicação, portanto, de uma identidade de classe. Basicamente ela alega que, ao se comparar com outras pessoas/famílias, se via numa situação quase intermediária, sem afirmar, como aconteceu em geral entre os entrevistados mais próximos do nível "AB", que se considerava parte de uma "classe média".

No entanto, essa diferença poderia ser fruto apenas do uso de maneiras distintas para se referir à mesma coisa, no caso, à classe média. Por esta razão, a fim de explorar melhor o significado do que a entrevistada entende por "estar próxima do meio", posteriormente lhe é perguntado, de maneira direta, se com isso Carolina queria dizer que pertencia à "classe média". A resposta dela para esta pergunta, como podemos ver acima, é bastante reveladora. Ela diz que ainda estava "longe" da "classe média", que tinha agora uma vida estabilizada, melhor do que há alguns anos, num nível a que ela nem imaginava que fosse chegar, mas ainda "bem longe" daquela classe.

Até este momento, a entrevistada ainda não havia citado nenhuma "identidade de classe"; Carolina dizia estar "no meio", mas não acreditava estar perto da "classe média". Num momento posterior, quando perguntada se ela se considerava "pobre", "classe trabalhadora", "classe média" ou alguma outra classe, sua resposta é: "acho que classe trabalhadora mesmo". Nesse sentido, parece que pertencer à "classe trabalhadora" – importante lembrar que ela disse que "acha" que faz parte desta classe, ou seja, não se mostra muito certa disso – se traduz numa maneira de informar que não se considera "embaixo"; mas, ao mesmo tempo, acredita estar "longe" da "classe média".

Enquanto Plínio, logo no início da entrevista – antes que qualquer menção fosse feita, por parte do entrevistador, à ideia de "classe" – já definia peremptoriamente a situação de sua família de origem como "classe média", Carolina, mesmo numa fase mais avançada da entrevista, diz estar "chegando no meio"; posteriormente, quando mais diretamente estimulada, alega que

ainda está longe da classe média e, somente após as categorias de resposta serem fornecidas pelo entrevistador, afirma fazer parte da "classe trabalhadora".

Assim, o ponto central que deve ser destacado aqui é o caráter mais espontâneo das declarações a respeito de identidades de classe na entrevista com Plínio. Partindo-se do pressuposto de que declarações espontâneas, não diretamente estimuladas, indicam uma identificação mais acentuada (Savage *et al.*, 2001) – no sentido de não terem sido diretamente impostas pelo entrevistador –, esse ponto ajuda a perceber a "relevância" das identidades de classe para os distintos tipos sociais.

Podemos afirmar que as diferenças encontradas entre as maneiras como Plínio e Carolina declararam suas identidades de classe são bastante elucidativas sobre o que aconteceu nas entrevistas de uma maneira mais geral.

Enquanto entre os entrevistados da "nova classe média" a identidade de classe assumiu um caráter "estimulado" em todos os casos, entre os entrevistados da "classe média tradicional" apenas um citou uma identidade de classe de forma estimulada.⁸ Fica bastante claro que, nas entrevistas com indivíduos deste segundo perfil, as citações a respeito de identidades de classe ocorriam ou numa parte bem inicial da conversa – quando o tema da família de origem era tratado – ou quando eram colocadas as primeiras questões a respeito do nível socioeconômico.

Vejamos, por exemplo, um trecho da entrevista com Fausto (outro entrevistado do perfil AB):

Entrevistador: *Há pessoas que estão mais em cima, tem pessoas que estão mais embaixo, em termos de nível socioeconômico. Como é que você se colocaria?*

Fausto: *Ah, eu sou classe média.*

Entrevistador: *Classe média?*

Fausto: *Média, média. Embora o Estado diga que eu sou rico, porque ele diz que quem ganha mais de 3 mil e poucos reais é rico. Então, para mim isso daí é 'balela'; não é? Então eu sou classe média, média.*

Fausto tinha 69 anos de idade quando a entrevista foi realizada, era formado em Engenharia Mecânica e já trabalhava nessa área, como consultor de Engenharia, há mais de 45 anos. Ele morava apenas com sua esposa, no bairro da Tijuca, e por mês tinham uma renda domiciliar de aproximadamente R\$ 10 mil.

Quando questionado a respeito do nível socioeconômico de sua família atualmente, como pode ser verificado no trecho inserido anteriormente, Fausto responde prontamente: "sou classe média". Apesar de a questão fazer referência a níveis socioeconômicos, em nenhum momento a linguagem de "classes" é utilizada. O próprio entrevistado, no entanto, responde peremptoriamente pertencer à "classe média" e, posteriormente, completa: "então eu sou classe média, média".

Perceber, desta forma, que a ideia do pertencimento à classe média se constituía, para esses entrevistados, uma importante referência, através da qual procuravam, espontaneamente, interpretar e perceber sua posição, origem e trajetória social.

Mesmo quando não citada de forma mais espontânea, naquele primeiro momento da entrevista, os entrevistados mais próximos do perfil "AB" se mostravam bastante decididos quando mais diretamente estimulados a comentarem sobre sua posição socioeconômica. É o que acontece, por exemplo, no trecho acima retirado da entrevista com Fausto, que, quando estimulado a analisar a situação socioeconômica de sua família, afirma resolutamente: "eu sou classe média". Notamos, assim, muita confiança e certeza nas afirmações desses entrevistados, do tipo "classe média tradicional", sobre suas identidades de classe, sempre classe média, como vimos.

Por outro lado, percebíamos que um quadro completamente diferente poderia ser traçado a partir das entrevistas com os indivíduos do outro perfil socioeconômico. Vejamos um trecho da entrevista com Marlene (entrevistada do perfil C):

Entrevistador: *Você está falando que melhorou a sua situação então nos últimos anos. Atualmente, em termos de nível socioeconômico, você percebe que está mais perto das pessoas em cima, das pessoas mais para baixo ou está mais no meio?*

Marlene: *Mais no meio [...] Agora vai melhorar mais um pouquinho, porque eu falei que ele [seu marido] é operador de guindaste, mas ele era operador de máquinas. Ele foi promovido e passou a ser operador de guindaste, agora o salário dele vai aumentar. Vai aumentar mais que o meu e vai melhorar mais um pouco, né?*

Entrevistador: *Você acha que aí você vai ficar mais para o meio?*

Marlene: *Eu acho que para o meio mesmo.*

Entrevistador: *Você diria que você faz parte de uma classe média?*

Marlene: *Ah, eu acho que não. Não sei se chega a ser média. Eu não sei como é a classe média; [no meu caso] é um pobre mais... [...]*

Entrevistador: *Então você falou que não se sente parte de uma classe média, mas você se sente parte de alguma dessas classes: pobre, trabalhadora...?*

Marlene: *No meu caso é classe trabalhadora. Pobre, pobre de marré-de-si, não. Mas um pobre melhorzinho...*

Marlene tinha 31 anos de idade na época em que a entrevista foi realizada, tinha Segundo Grau completo de escolaridade e, assim como Carolina, trabalhava como auxiliar de faturamento num consultório médico no bairro de Botafogo. Marlene era casada havia 14 anos, tinha uma filha de 10 anos de idade e morava com seu marido em Xerém, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Seu marido trabalhava como operador de guindastes, e juntos eles possuíam uma renda domiciliar mensal de aproximadamente R\$ 2.500,00.

⁸ Mesmo assim, nesse caso tratava-se de uma entrevistada com uma trajetória bastante particular de mobilidade ascendente.

Quanto à sua origem familiar, Marlene contou que sua mãe trabalhava por conta própria, como manicure, e que seu pai trabalhava como motorista. Ela se queixava do número de pessoas vivendo na mesma casa, pois era um total de sete crianças – oriundas de casamentos diferentes, além de seus pais. Eles já moravam em Xerém naquela época, e, quando perguntada se a situação de sua família havia sido tranquila ou se passara dificuldades, Marlene dizia que nunca faltara comida, mas que havia tido dificuldades para comprar roupas, sapatos, etc.

No entanto, Marlene percebia uma melhora substantiva em sua vida nos últimos anos e afirmava que sua situação atualmente estava "ótima". Relatou ter terminado de construir a sua casa, comprado um carro novo e dizia, com humor, ter virado uma "gastona"; estava trocando de carro, comprando uma moto, fazendo reformas na casa e tendo a oportunidade de comprar mais roupas e sapatos.

Perguntamos, então, como ela percebia sua situação em relação às outras pessoas, se achava que se encontrava "mais para baixo", "mais para o meio" ou "mais para cima". Como se verifica na citação inserida acima, Marlene responde acreditar estar mais próxima "do meio", ainda sem fazer referência a uma identidade de classe mais específica.

Posteriormente, quando diretamente questionada se ela acreditava fazer parte da classe média, sua resposta lembra muito a de Carolina, dizendo que não, que não "chegava a ser média", apesar de estar no "meio". E somente quando algumas categorias de resposta foram estimuladas é que ela se identificou como parte da classe trabalhadora. Mais interessante ainda é sua afirmação subsequente, após se identificar como classe trabalhadora, de que ela não era "pobre", mas sim um "pobre melhorzinho".

Dessa forma, fomos percebendo que, para alguns desses entrevistados da "nova classe média", a identificação com a categoria estimulada "classe trabalhadora" constituía uma maneira de se reconhecer em uma posição intermediária, entre a "pobreza" – com a qual muitos relacionavam sua origem social – e a "classe média".

Com efeito, ao contrário do que acontece com os entrevistados do perfil "AB", em que, como vimos, havia uma identificação muito evidente com a classe média, para os entrevistados do perfil "C" não encontramos uma identificação mais espontânea com nenhuma categoria, mas, sim, uma percepção geral de que estariam nessa posição entre os mais pobres e os mais ricos. Se, por um lado, não se percebiam mais como "pobres"⁹ (aqueles que passam muitas dificuldades, a ponto de não ter o que comer), por outro dificilmente se percebiam como "classe média" (o que envolveria o acesso ao supérfluo, a regalias). Pareciam se enxergar, assim, conforme colocado pela entrevistada Marlene, como "um pobre melhorzinho", uma situação intermediária para a qual nenhuma definição muito precisa ainda foi encontrada por eles.

No entanto, essas nossas considerações ainda esbarravam num importante fato: alguns entrevistados da "nova classe média" se identificavam, sim, como classe média.

Do meio à classe média

Também encontramos, portanto, entre os indivíduos por nós entrevistados, pessoas que, objetivamente mais próximos do "perfil C", se identificavam como classe média (ou classe média Baixa). Mais precisamente, três entre os dez entrevistados do perfil de "nova classe média" se identificaram como classe média, e dois como classe média Baixa.

Carlos, um desses casos, tinha 24 anos de idade na época da entrevista, trabalhava como auxiliar de suporte, tinha nível superior incompleto de escolaridade, morava em Quintino – bairro do subúrbio do município do Rio de Janeiro – com sua mãe e seu irmão mais novo, e juntos somavam uma renda domiciliar mensal total de aproximadamente R\$ 2.800,00. Ele contava que sua mãe antigamente dava aulas em um colégio, que posteriormente trabalhara também como secretária numa empresa, mas parara de trabalhar quando os filhos ainda eram novos; recentemente, então, ela voltara a dar aulas particulares na sua casa. Já seu pai, contou Carlos, falecera havia três anos, após dez anos lutando contra uma série de doenças. Em relação à sua situação quando mais novo, Carlos dizia que nunca faltara comida, mas que sua família passara por dificuldades como, às vezes, não ter dinheiro para pagar as contas da casa.

Até o momento da entrevista do qual o trecho a seguir foi retirado, Carlos não havia feito menção a qualquer identidade de classe; as questões mais diretas sobre esse tema começavam então a ser colocadas:

Entrevistador: *Tem família que tem nível socioeconômico lá em cima, tem umas que estão mais lá embaixo, tem umas que estão mais lá no meio nessa escala. Como que você percebe a sua situação atualmente, e a sua família?*

Carlos: *Eu não posso dizer que a gente tá, digamos num meio. Mas eu acho que a gente tá quase chegando lá. Quase, quase.*

Entrevistador: *Se você tivesse que falar "Eu sou... classe média, pobre, classe trabalhadora..."*

Carlos: *Eu não sei se é um termo correto, mas acho que existe classe-média baixa no Brasil.*

Entrevistador: *Entendi.*

Carlos: *Seria mais ou menos por aí.*

Entrevistador: *Mais pra classe média baixa?*

Carlos: *Mais pra classe média baixa.*

Carlos, então, diz que não poderia afirmar que estava no meio, mas que estava quase chegando lá. A seguir, quando diretamente questionado, ele responde não saber se seria o termo correto, mas que achava que existia uma classe média baixa no Brasil. Posteriormente, então, ele afirma que sua situação estaria

⁹ Como dissemos, muitas vezes a ideia de "pobreza" foi utilizada por esses entrevistados para descrever seu passado, sua situação quando mais novos.

"mais ou menos por aí", mais para a classe média baixa. É importante destacar aqui que Carlos não afirma, de imediato, fazer parte da "classe média", nem mesmo "classe média baixa", mas sim que seu nível é "próximo ao meio".

No decorrer da análise, fomos percebendo que para aqueles entrevistados do perfil "C" que ao final se identificavam como "classe média (Baixa)", o sentido de sua identificação, como procuraremos argumentar, parecia muito mais próximo daqueles entrevistados desse mesmo perfil que se identificavam, por exemplo, como "classe Trabalhadora", do que da identificação com a "classe média" tipicamente apresentada pelos entrevistados do perfil "AB" – ou "classe média tradicional".

Verônica, outra entrevistada do perfil "C" que se identificara como "classe média", tinha 35 anos de idade na época da entrevista, havia terminado o Segundo Grau e trabalhava como secretária. Ela morava em Duque de Caxias – município da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – com sua filha (então com 10 anos de idade) e seu marido, que trabalhava como motorista de transporte alternativo. Seu pai havia sido bancário, e sua mãe "merendeira"; durante sua infância morou com eles também em Duque de Caxias. Dizia ter tido uma infância tranquila, sem grandes dificuldades, mas que mesmo assim sua vida agora estava melhor, já que estava conseguindo fazer coisas que antes não podia, como terminar de pagar um automóvel.

Quando interrogada sobre seu nível socioeconômico, Verônica dizia achar que estava "na média":

Entrevistador: *Geralmente costumam dividir em camadas, em uma classe alta ou pobre, como é que você diria que está a sua situação atualmente?*

Verônica: *Acho média.*

Entrevistador: *Você diria, então, que está na classe média?*

Verônica: *Sim, na classe média.*

Entrevistador: *Como é para você fazer parte da classe média? O que você acha que é a classe média?*

Verônica: *Eu acho que é você não passar necessidade, ter as suas coisas. Graças a Deus eu faço as minhas comprinhas, não falta nada nem para mim, nem para a minha filha e nem para o meu esposo. Eu acho que é isso, a gente tem o nosso carro, tenho casa própria e podemos alcançar os nossos objetivos. Fazendo reforma na casa... Eu acho que é isso.*

Então, somente mediante uma pergunta mais direta realizada pelo entrevistador, ela afirma se identificar com a classe média. Posteriormente, como podemos verificar, Verônica diz que ser classe média para ela significaria "não passar dificuldades", "ter as suas coisas". Ela afirma que faz suas compras, que não falta nada para ela nem para sua família. Diz que eles possuem um carro, casa própria e condições de alcançar seus objetivos, como a reforma que estão fazendo na casa. Por essas razões, ela se enxergava como uma pessoa de classe média.

Como pode ser visto, Verônica não afirma – ao menos antes de ser diretamente questionada – fazer parte da classe média; antes ela diz achar que é "média", sem se identificar cla-

ramente com uma classe. Da mesma maneira que Carlos dizia não estar chegando "num meio", ou que Leonardo – outro entrevistado do mesmo perfil – afirmava não estar "em cima nem embaixo", Verônica afirma estar na "média". Fomos percebendo, então, que para aqueles entrevistados do perfil "C" a identificação com a "classe média" parecia assumir um sentido diferente, de modo a expressar mais a ideia de uma posição intermediária do que o sentimento de pertencimento a uma coletividade.

Nesse sentido, percebíamos diferenças importantes entre a maneira como os entrevistados dos dois perfis percebiam sua posição social – e de sua família –, mesmo quando, como no exemplo apresentado, a classe com a qual se identificavam era a mesma (no caso, a classe média). Enquanto os entrevistados mais próximos do perfil "AB" se identificavam prontamente – e muitas das vezes espontaneamente – com a classe média, entre aqueles mais próximos do perfil "C" perguntas mais diretas eram necessárias a fim de extrair suas percepções a esse respeito; e, mesmo assim, para esses entrevistados as "identidades de classes" propriamente ditas não apareciam tão facilmente, pois eles tendiam a se enxergar em uma posição entre os menos e os mais privilegiados, para a qual pareciam não possuir uma definição muito clara.

Se para os entrevistados do perfil "AB" a identificação de classe (sempre "classe média") parecia ter o sentido de pertencimento a uma coletividade a partir do qual a trajetória e/ou posição social dos entrevistados e suas famílias era interpretada, para os entrevistados do tipo "C" essa identificação (que ia de "um pobre melhorzinho" até mesmo à "classe média") parecia adquirir um sentido mais descritivo, que procurava dar conta de uma situação que se encontra entre os menos e os mais privilegiados.

Essa constatação fica evidente, por exemplo, quando Verônica afirma que estar na classe média significava poder fazer suas "comprinhas", possuir carro e casa própria, e para Marcelo significava, além da possibilidade futura de comprar automóvel e adquirir a casa própria, ter bens de consumo novos e de qualidade. Para os entrevistados de perfil socioeconômico intermediário, a classe identificada – no caso, a "classe média" – parecia ser percebida enquanto uma categoria externa – dada pelo entrevistador – utilizada para descrever certa condição econômico-financeira. No entanto, um quadro bastante diferente ocorria nas entrevistas com os indivíduos da "classe média tradicional".

Na sequência, então, trazemos trechos da entrevista com Fausto e Luiza, quando comentavam a respeito da percepção que faziam sobre a "classe média".

Fausto, cujo perfil socioeconômico já foi anteriormente descrito aqui, definiu-se peremptoriamente como "classe média" e afirmou com absoluta confiança: "eu sou classe média". Luiza, por sua vez, morava no bairro de Botafogo e trabalhava como analista de sistema há 14 anos numa empresa no Centro da cidade. Seu pai havia sido tesoureiro, sua mãe funcionária pública, e Luiza afirmava sempre ter pertencido à classe média, desde sua infância. Ela dizia nunca ter estudado em colégios públicos, e posteriormente se formou em Informática na Pontifícia Univer-

sidade Católica (PUC). Perguntamos, então, o que para eles seria uma pessoa de classe média:

Fausto: [...] *A classe média, para mim, tem um padrão de vida sem exageros, sem gastos excessivos, sem jogar dinheiro pela janela, não sou de festa, nada dessas coisas. Para mim classe média é isso. Você tem um padrão de vida razoável e você consegue se manter nesse padrão de vida. Consegue ter um plano de saúde para ter um atendimento que o Estado não te dá, consegue... Se um dia quiser fazer um exagero, fazer. Basicamente é isso.*

Luiza: *É, têm acesso à cultura, uma vida com lazer, e consegue ter atividade física, ter... é, é basicamente isso. Acesso à cultura... [...] cinema, teatro, museus, exposições, viagens, conhecer novas culturas...*

Como podemos ver no trecho inserido, na percepção desses entrevistados a definição de classe média passava por uma certa limitação de gastos excessivos e vistos como desnecessários, por uma aversão ao endividamento e, também, por acesso à cultura e práticas como frequência a cinemas, teatros, viagens, etc.

Vemos, assim, que os entrevistados mais próximos do perfil socioeconômico "AB" percebiam e definiam a classe média não apenas através de uma dimensão econômica, mas também por meio das dimensões cultural e moral (Lamont, 1992). Educação privada, plano de saúde, universidade, acesso a lazer, etc. – indicadores de uma situação econômica "confortável" – eram, sim, citados por eles, mas também eram lembrados indicadores de "nível cultural" (ir ao teatro, cinema, etc.) e de certas atitudes morais, que desprezam gastos vistos como desnecessários e excessivos – como eletrodomésticos, carros, etc. –, em prol de gastos com plano de saúde, educação e outros vistos como mais importantes por essas pessoas.

Verifica-se que, apesar da predominância da dimensão econômica (quase todos os entrevistados citaram características que se encaixam nesta categoria), as dimensões cultural e moral também estiveram presentes na percepção de diversos entrevistados. Mais do que isso, constatamos que para os entrevistados da "nova classe média" a dimensão econômica foi dominante nas suas percepções a respeito da classe com a qual se identificavam, enquanto para os entrevistados da "classe média tradicional" a percepção sobre a classe identificada passava muito mais comumente pelas dimensões "cultural" e "moral".¹⁰

Os entrevistados do perfil "AB", quando descrevem a imagem que fazem do que é para eles ser classe média, costumam fazer referências, por exemplo, a fatores como uma "boa educação" e/ou "uma formação" (nível superior), como sendo essenciais. Além desses fatores de cunho "cultural", os entrevistados do perfil "AB" também costumavam relacionar características de cunho "moral" com a posição de classe média. Por exemplo, alguns deles citaram o fato de não esbanjarem, de não se comprometerem com gastos vistos como desnecessários ou de não

"jogarem dinheiro pela janela" como sinais de seu pertencimento àquela classe. Foi mais frequente entre esses entrevistados relacionar o pertencimento à classe média com plano de saúde, poupança e escolas particulares (para os filhos), por exemplo. Através da alusão a tais características, os entrevistados procuravam sinalizar não apenas um padrão de consumo, vinculado à estabilidade financeira, mas também uma conduta moral que privilegia alguns tipos de gasto, vistos como mais importantes (como aqueles citados acima), em detrimento de outros, vistos como banais (eletrodomésticos, carros, festas, etc.).

Os poucos trechos inseridos, junto à nossa breve análise, servem apenas para ilustrar alguns dos resultados alcançados por nós por meio dos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas. Os dados aqui analisados nos mostram que os indivíduos da "nova classe média" (C), ao contrário daqueles da "classe média tradicional" (AB) – onde a identificação com a "classe média" é muitas vezes imediata – não parecem possuir uma identidade de classe muito acentuada ou definida; enxergam-se, na verdade, ocupando uma posição intermediária, entre extremos. As posições de classe, quando citadas por esses indivíduos, sempre de maneira estimulada, apareciam como "pontos de referência" que existem somente enquanto categorias externas e que podem servir para descrever sua posição (e/ou trajetória), mas não enquanto coletividades com as quais se identificam.

Enquanto que os entrevistados da "nova classe média" se percebiam ocupando uma posição "intermediária", "média", "normal", "comum", sem que houvesse uma identificação mais saliente com qualquer classe, para aqueles entrevistados da "classe média tradicional" a identificação com a "classe média" se mostra central para a percepção que fazem de sua origem familiar, trajetória e posição atual, indo muito além de uma simples categoria externa utilizada para descrever sua situação econômico-financeira.

Conclusões

Neste trabalho, em vez de adotarmos uma definição teórica de classe média, dada *a priori*, para então verificarmos se a crescente camada de renda intermediária poderia ou não ser considerada como a classe média brasileira, decidimos nos dedicar à análise de como os próprios indivíduos se percebem, identificando-se ou não com aquela classe. Conforme detalhado nas seções anteriores, partimos do pressuposto, fundamentado na bibliografia recente sobre o tema, de que a esfera subjetiva da estratificação participa ativamente na formação dos contornos de classe e conduzimos entrevistas semiestruturadas a fim de verificar quem se identifica, e é por sua vez identificado, como classe média no Brasil.

Assim como no estudo conduzido por Savage *et al.* (2001), verificamos em nossa pesquisa que os entrevistados se encontra-

¹⁰ Dessa maneira, seguimos aqui os conceitos desenvolvidos por Lamont (1992), em seu já conhecido estudo sobre as fronteiras simbólicas da Classe média.

vam divididos em dois grupos: um grupo que não contava com identidade de classe muito clara, e outro grupo, em geral com maiores recursos econômicos e culturais, que tinha uma identificação de classe bastante definida. Os entrevistados da "nova classe média" parecem se enxergar em uma posição intermediária, mas sem que isso signifique identificação com alguma classe específica. Nesse sentido, foram comuns afirmações como: "estou no meio", "na média", "entre os pobres e os ricos", etc.

Mesmo quando a classe identificada é a classe média, o caráter dessa identificação parece ser bastante distinto do grupo que denominamos "classe média tradicional". Se, para os entrevistados da "classe média tradicional", esta identidade assumia o sentido mais acentuado de pertencimento a uma coletividade, a partir da qual as próprias origens e trajetórias sociais eram interpretadas, para aqueles entrevistados da "nova classe média" a ideia de classe média e, de forma geral, a identidade de classe parecia vinda de uma fonte externa, do estímulo dado pelas próprias questões colocadas, e era, portanto, utilizada como uma maneira de descrever sua situação socioeconômica, essencialmente por ter sido solicitado pelo pesquisador.

Vimos, também, que enquanto para os entrevistados do perfil "AB" a ideia de classe média diz respeito não apenas à posição econômica, mas também a uma certa "atitude moral" ou "nível cultural", para aqueles do perfil "C" o sentido da classe com a qual se identificavam (incluindo aí aqueles que se identificaram como classe média ou classe média baixa) tendia a ficar mais restrito à descrição de uma dada situação econômica, preterindo assim o caráter mais carregado de significados que implica a ideia de pertencimento a um grupo (Savage *et al.*, 2001; Skeggs, 1997).

Seguindo os caminhos já apontados pela mais recente literatura especializada, entendemos as identidades como parte de um constante processo de negociações e disputas, que muitos autores denominam "identificação" (Jenkins, 1996; Devine e Savage, 2005b). As identidades de classe devem ser tomadas não como percepções corretas ou equivocadas de uma dada posição objetiva definida *a priori*, mas sim como reivindicações de pertencimento que participam ativamente na própria formação, manutenção e questionamento dos contornos das classes e hierarquias sociais.

Com efeito, os resultados por nós alcançados, mostrando que somente a camada mais abastada da população possui uma identificação clara e densa com a classe média no Brasil, indicam que, ao menos como grupo socialmente significativo (ou uma formação social), a classe média brasileira seria composta pelos setores mais abastados (AB) da população, e não por aqueles intermediários (C). Nesse sentido, não haveria correspondência entre a "classe média estatística" de Neri (2008) e a formação de classe média no Brasil. Os indivíduos pertencentes à camada social que nos últimos anos vem sendo denominada, por alguns autores, como a "nova classe média" brasileira estão longe de se perceberem como tal.

Assim, podemos afirmar que a "nova classe média" se traduz apenas em uma categoria definida externamente, sendo atualmente utilizada por institutos de pesquisa, no discurso oficial,

etc., e se encontraria muito longe das autodefinições e percepções dos indivíduos. Ou seja, se por um lado não devemos descartar sua validade como "categoria" de análise, em especial nos estudos que se pautam pelo rendimento, por outro não devemos extrapolar seu significado para além disso. Afinal, os indivíduos desta camada, apesar de se perceberem acima da situação de "pobreza", dificilmente identificam sua posição como "classe média".

Diante da conjuntura econômica do Brasil neste momento, que coloca em xeque os avanços em crédito e consumo dos últimos anos, a noção de que o Brasil se tornou uma sociedade de classe média perdeu força até entre seus mais otimistas defensores. Desse modo, é possível argumentar que a percepção dos atores sociais é consoante com a fragilidade das conquistas das camadas de renda média, uma vez que eles compreenderam que o aumento da renda não se traduziu, necessariamente, em mudanças na estrutura de classes.

Referências

- BARROS, R.; CARVALHO, M.; FRANCO, S.; MENDONÇA, R. (orgs.). 2010. *Determinantes da queda na desigualdade de renda no Brasil*. Brasília, IPEA. (Texto para discussão nº 1460).
- CHARLESWORTH, S.J. 2000. *A Phenomenology of Working-Class Experience*. Cambridge, Cambridge University Press, 326 p.
- DEVINE, F.; SAVAGE, M. (orgs.). 2005a. *Rethinking Class: Culture, Identities & Lifestyle*. London, Palgrave Macmillan, 248 p.
- DEVINE, F.; SAVAGE, M. 2005b. The Cultural Turn, *Sociology and Class Analysis*. In: F. DEVINE; M. SAVAGE, *Rethinking Class: Culture, Identities & Lifestyle*. London, Palgrave Macmillan, p. 1-23.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). 2009. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>. Acesso em: 21/01/2016.
- JENKINS, R. 1996. *Social Identity*. London, Routledge, 256 p. <http://dx.doi.org/10.4324/9780203292990>
- LAMONT, M. 1992. *Money, Moral & Manners: The Culture of the French and the American Upper-middle Class*. Chicago, The University of Chicago Press, 350 p. <http://dx.doi.org/10.7208/chicago/9780226922591.001.0001>
- NERI, M. 2008. *A Nova classe média*. Rio de Janeiro, CPS, 85 p.
- POCHMANN, M. 2012. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo, Boitempo Editorial, 128 p.
- RAVALLION, M. 2010. The Developing World's Bulging (but Vulnerable) Middle Class. *World Development*, XVIII(4):445-454.
- REAY, D. 2005. Beyond Consciousness? The Psychic Landscape of Social Class. *Sociology*, XXXIX(5):911-928. <http://dx.doi.org/10.1177/0038038505058372>
- SALATA, A. 2015. Quem é Classe média no Brasil? Um estudo sobre identidades de classe. *Dados*, 58(1):111-149. <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201540>
- SALATA, A.; SCALON, C. 2013. The Formation of the Middle Class in Brazil: History and Prospects. In: P. LI; C. SCALON; M. GORSHKOV; K. SHARMA (orgs.), *Handbook on Social Stratification in the BRIC Countries*. 1ª ed., Singapore/London/New Jersey, World Scientific, vol. 1, p. 339-357.
- SAVAGE, M.; BAGNALL, G.; LONGHURST, B. 2001. Ordinary, Ambivalent and Defensive: Class Identities in the Northwest of England. *Sociology*, XXXV(4):875-892. <http://dx.doi.org/10.1177/0038038501035004005>

- SCALON, C.; SALATA, A. 2012. Uma Nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Sociedade e Estado*, XXVII(2):387-407.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922012000200009>
- SKEGGS, B. 1997. *Formations of Class and Gender*. London, Sage, 200 p.
- SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. 2010. *A Classe média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro, Elsevier, 182 p.
- SOUZA, J. 2010. *Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte, UFMG, 408 p.
- VAN EIJK, G. 2013. Hostile to Hierarchy? Individuality, Equality and Moral Boundaries in Dutch Class Talk. *Sociology*, XLVII(3):526-541.
<http://dx.doi.org/10.1177/0038038512453788>
- XAVIER SOBRINHO, G.G. de F. 2011. 'Classe C' e sua alardeada ascensão: nova? classe? média? *Indicadores Econômicos FEE*, XXXVIII(4):57-80.

Submetido: 15/10/2015

Aceito: 03/11/2015